

Ficcionalizando o sujeito: a metaficção historiográfica de Margaret Atwood

Fictionalizing the subject: Margaret Atwood's historiographical metafiction

Gracia Regina Gonçalves¹
Thiago Marcel Moyano²

RESUMO: Este trabalho pretende analisar o romance *Vulgo Grace* de Margaret Atwood dentro de uma perspectiva da fragilidade acerca da caracterização “fato/ficção”. A obra trata de um episódio da história criminal do Canadá no século XIX em que a protagonista é pivô e cúmplice de um crime passional envolvendo sua rival grávida, Nancy Montgomery, e a despeito dela, o amante de ambas, Tomas Kinnear. Atwood, através da apropriação, recriação, paródia, disseminação e até contestação de diversas fontes cria uma protagonista rica em nuances, emergindo de um entrecruzar de diversas vozes. Sendo assim, objetiva-se um novo olhar para a constituição do sujeito mulher que surge não só através dos vários discursos, mas principalmente no plano do interdito. Nota-se uma negação no sentido do relato histórico, já que a personagem-narradora parece ofuscar os fatos ao longo do enredo e que Atwood constrói seu texto a partir de uma mistura de intertextos da história e da ficção. Como argumentação teórica, respondem estudos e teorias da nova história e do pós-modernismo como as de Linda Hutcheon e Thomas Carmichael.

ABSTRACT: this work intends to analyze the novel *Vulgo Grace* by Margareth Atwood into a perspective of fragility about the characterization “fact/fiction”. The work is on an episode of the Canada criminal history in the 19th century, in which the main character is pivot and accomplice of a crime of passion involving her rival who is pregnant, Nancy Montgomery, and despite her, their lover, Tomas Kinnear. Atwood, through appropriation, recreation, parody, dissemination and until contestation of diverse sources creates a protagonist rich in nuances, emerging from overlapping of different voices. This way, the aim is a new view to the conception of the woman subject who emerges not only from the several discourses, but mainly in the interdict plane. It is perceived a negation in the sense of the historical report, once the character-narrator seems to overshadow the facts along the plot and Atwood builds her text from a mixture of intertexts of the history and of the fiction. As theoretical argumentation, studies and the new history and the post-modernist theories respond, such as those ones by Linda Hutcheon and Thomas Carmichael.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernismo. História. Metaficção historiográfica.

KEYWORDS: Post-modernism. History. Historiographical metafiction.

I. INTRODUÇÃO

Eu to te explicando pra te confundir,
to te confundindo pra te esclarecer.

(**Tom Zé**)

Até mesmo um testemunho ocular pode apenas
oferecer uma interpretação limitada do que aconteceu.

(**Linda Hutcheon**)

Entendendo que os estudos literários apresentam uma série de novos questionamentos e paradigmas em constante colóquio com a psicanálise, a antropologia e a história, sugere-se, aqui, um enfoque interdisciplinar em que a literatura, não apenas como obra de apreciação estética, mas também veículo discursivo da construção da história, sirva como fórum de possíveis intervenções críticas. O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Vulgo Grace* (2008), da escritora canadense Margaret Atwood, no que tange a indagações pertinentes à crítica do relato histórico transformado em obra ficcional a partir do pós-modernismo.

Inicialmente, propõe-se uma releitura do romance supracitado levando-se em consideração que a personagem principal, uma possível reconstrução das *femmes-fatales*, na esteira da tradição da Lilith, ganha paulatinamente estatura ao longo do romance de forma a lograr uma reversão na hierarquia do discurso da narrativa, transformando-se de vilã em vítima, ou, no mínimo, em um enigma capcioso e sedutor.

É digno também de nota o fato de que, tratando-se de uma obra baseada em um fato real largamente divulgado na sociedade canadense de meados do século XIX, ou seja, um crime passional duplo, a figura de Grace é construída não só a partir da imaginação e inventividade da autora, mas também por meio de relatos e dados publicados na época até o início do século XX. Em um posfácio da obra, Atwood diz que os principais fatos narrados “foram amplamente noticiados não apenas nos jornais canadenses, como também nos jornais dos Estados Unidos e da Inglaterra” (ATWOOD, 2008, p.489). A dúbia e intrigante figura da personagem principal, também voz narrativa da obra, mostra-se interessante para acompanharmos a análise do desvio de perspectivas, ou, como veremos, da sistemática reconstrução desta personagem-mulher no texto.

Para atingir os objetivos aqui expostos, faz-se necessário um olhar bem atento para a constante presença do fato histórico no decorrer do enredo. Percebe-se que, além de servir de base e motivação para a obra, há uma assimilação literal do discurso da história ao longo do texto, trazendo à tona alguns dados não meramente referenciais. De acordo com Linda Hutcheon,

1 Professora Adjunta no departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Atua na área de literatura estrangeira moderna, desenvolvendo pesquisas em literatura canadense, pós-colonialismo, estudos de gênero, e ecocrítica. Email: gracia@ufv.br

2 Graduando em Letras, desenvolve o projeto de pesquisa “A Tecitura do Não: uma análise da ficcionalização do sujeito-mulher em *Vulgo Grace* de Margaret Atwood. Email: thiago.moyano@gmail.com

“tais documentos têm um papel autoverificador na narrativa, mas esta é uma função invariavelmente paradoxal: há tanto uma afirmação de uma referência externa quanto um lembrete contraditório de que nós apenas conhecemos o mundo exterior através de outros textos.”³ (HUTCHEON, 1990, p.89. *Tradução nossa*).

Sendo assim, o presente estudo propõe-se a encarar como Atwood se utilizou de uma determinada figura existente para construir tal personagem que não só se mantém como figura histórica através de fragmentos, mas é formada como criação literária a partir destes mesmos fragmentos.

2. O RELATO E O FATO

Sobre a fundamentação autobiográfica de *Vulgo Grace*, deve-se dizer que Margaret Atwood no romance reconta a história de Grace Marks, uma mulher de meados do século XIX que é condenada, juntamente com John McDermott, pelo assassinato de seu patrão, Tomas Kinnear, e sua governanta e suposta amante, Nancy Montgomery. O caso Kinnear/Montgomery aparentemente causou grande estardalhaço na sociedade canadense da época sendo notícia tanto no país quanto nos Estados Unidos e Inglaterra. Tanto Grace quanto McDermott são condenados à morte, porém, a cúmplice de assassinato é perdoada e condenada à prisão perpétua, onde por bom comportamento, consegue um trabalho como criada na casa do diretor do presídio. Supõe-se que Grace, apaixonada pelo patrão, manipula o outro criado da propriedade para assassinar Nancy Montgomery e, então, tomar seu lugar. Entretanto, McDermott, apaixonado pela moça, acaba assassinando tanto a governanta, quanto o chefe na esperança de que ela se volte para ele. Alguns dados adicionais tornam a história mais polêmica e intrigante. Por exemplo, uma autópsia revelou que, como agravante, Nancy Montgomery estaria grávida; por outro lado, Grace, que após trinta anos de prisão é libertada, muda-se para Nova Iorque com nova identidade, casa-se e constrói uma nova vida. Para a construção de seu relato, Atwood se utiliza de registros documentais encontrados no fórum, escritório do presídio, clínica psiquiátrica, jornais da época, bem como também no livro *Life in The Clearings* publicado por Susanna Moodie em 1853. É digno de nota que esta autora de narrativas de viagens, importante presença histórica e literária do Canadá, ao lado de sua irmã Catherine Parr Trail, têm trânsito livre em outras obras de autoras contemporâneas, a saber, *Vindo à Tona* (1972), da mesma Atwood, ou ainda *Stone Diaries* (1993) da americana naturalizada canadense Carol Shields. De acordo com Atwood,

Life In the Clearings pretendia mostrar o lado mais civilizado do Canadá Oeste, como então era chamado, e incluía descrições admiráveis

³ These documents do have a self-verifying place in the narrative, but this is always a paradoxical place: there is both the assertion of external reference and the contradictory reminder that we only know that external world through other texts.

tanto da Penitenciária Provincial, em Kingston, quanto do Asilo de Lunáticos, em Toronto. Tais instituições públicas eram visitadas como zoológicos e, em ambas, Moodie pediu pra ver a principal atração, Grace Marks. (ATWOOD, 2008, p. 490)

Nota-se aqui não só a importância de Susanna Moodie como relatora e testemunha ocular do fato narrado por Atwood, como também a proporção e a relevância da personagem na constituição da história criminal do país. A figura oscilante de Grace Marks e sua eterna dualidade, entre vítima ou assassina cruel, atestam a riqueza disponível de elementos para a construção do romance. Em seu relato, Moodie, conforme citada no romance, a apresenta como

uma mulher de estatura média, com uma figura esbelta e graciosa. Seu rosto exibe um ar de desesperança e melancolia, muito doloroso de ser contemplado [...] Seus olhos são azul-claros, seus cabelos ruivos, e o rosto seria bastante bonito não fosse pelo queixo comprido e curvo, que confere, como sempre acontece com a maioria das pessoas que possui esse defeito facial, uma expressão astuta, cruel. (ATWOOD, 2008, p. 29)

Consequentemente, a relação entre fato e ficção na crítica pós-moderna vem à tona já que se pretende focar, por meio deste trabalho, as contribuições que o romance traz para o fato histórico. Linda Hutcheon, em *The Politics of Post-modernism* (1990), explicita a maneira pela qual o pós-modernismo passa a olhar para a historiografia e sua relação com a inventividade do texto literário de forma desconstrutora. O foco deixa, portanto, de se manter na imparcialidade dos relatos, mas em sua construção plural a partir de diversos textos. Com o intuito de apresentar a relação entre a filosofia pós-moderna e a história como uma forma de negação encontrada na obra de Margaret Atwood, parece-nos pertinente esclarecer qualquer confusão que o termo “pós-modernismo” possa acarretar. De acordo com Michele Barrett (1999), “em termos de filosofia, pós-modernismo implica a rejeição dos grandes projetos do iluminismo racionalista, incluindo tanto os sistemas de pensamentos marxistas quanto os liberais” (BARRETT, 1999, p. 114). Assim, entende-se que a filosofia pós-moderna, a partir de seu caráter desconstrutivo, colocará em xeque crenças e frutos de um pensamento embasado no Iluminismo que permanece até nossos dias no que diz respeito à construção de saberes e ciências. Ao dissertar sobre tal tema, Jane Flax (1991) aponta que

os discursos pós-modernos são todos “desconstrutivos”, já que buscam nos distanciar de crenças relacionadas à verdade, conhecimento, poder, ao eu e à linguagem, que são geralmente aceitas e servem de legitimação para a cultura ocidental contemporânea, e nos torna cépticos em relação a tais crenças. (FLAX, 1991, p. 221).

Portanto, a partir da filosofia pós-moderna, um olhar menos unificado e menos universalizante da história, como um mero relato imparcial de eventos

passados, será proposto. Tal escola de pensamento não mais aceitará que a história seja compreendida como um processo homogêneo que simplesmente reporta fatos, mas uma construção fragmentada que se dará a partir de diversas vozes e que aponta como nossas atuais concepções estão diretamente ligadas a relações de poder e dominação. A filosofia pós-moderna, portanto, nos apresenta uma segunda alternativa, outro olhar que nos revela a interface com o texto literário e, mais especificamente, com a obra de Margaret Atwood. Nas palavras de Linda Hutcheon (1990),

A historiografia deixa de ser considerada como um registro objetivo e apático do passado; mas se torna uma tentativa de compreender e dominar este através de um modelo de trabalho (narrativo/interpretativo) que, de fato, é precisamente o que confere um significado particular ao passado [...] ambos, descobrimento e invenção, envolveriam algum re-curso para a imaginação e o artifício, porém há uma diferença significativa no valor epistemológico tradicionalmente aliado a tais atos. É essa distinção que a pós-modernidade problematiza.⁴ (HUTCHEON, 1990, p. 64, tradução nossa).

Pelas lentes da filosofia pós-moderna, a linha que separa história (descobrimto) de ficção (invenção) se mostra tênue, e a literatura passa, dessa forma, a apresentar outras contribuições como objeto de estudo. Assim, a história sai de uma esfera macro, hegemônica, para uma micro, plural, reconhecendo-se que a “história oficial” só nos apresenta uma retificação de verdades impostas por grupos dominantes. Dentro do contexto proposto, Coomi S. Vevaina, em seu artigo “Margaret Atwood and History”, aponta que “em todos os seus trabalhos, Atwood revela um engajamento distintamente pós-moderno com a história”⁵ (VEVAINA, 2006, p.87, tradução minha).

O romance *Vulgo Grace* (2008) se enquadra no tipo de crítica proposta aqui. A figura histórica Grace Marks ganha voz na obra fictícia de Margaret Atwood e tem a chance de (re)contar sua história, sua versão dos fatos. O foco narrativo na personagem mulher, acusada de assassinato é, em si, uma reversão de hierarquias no discurso que vai de encontro às palavras de Hutcheon no que diz respeito à metaficção historiográfica. De acordo com a teórica,

O que vem à tona é algo diferente das fechadas e unitárias narrativas evolutivas da historiografia como a concebemos tradicionalmente: de acordo com o que a metaficção historiográfica nos mostra, tem-se

4 Historiography too is no longer considered the objective and disinterested recording of the past; it is more an attempt to comprehend and master it by means of some working (narrative/explanatory) model that, in fact, is precisely what grants a particular meaning to the past [...] both discovery and invention would involve some recourse to artifice and imagination, but there is a significant difference in the epistemological value traditionally attached to the two acts. It is this distinction that postmodernism problematizes

5 In all her works, Atwood reveals a distinctly postmodern engagement with history.

acesso agora às histórias (no plural) dos perdedores como dos vencedores, do regional (e colonial) assim como do centrista [...] e, de novo acrescentar, das mulheres assim como dos homens. ⁶ (HUTCHEON, 1990, p. 66, tradução nossa).

Percebe-se, então, a relação entre o uso de Margaret Atwood do “fato real” e a construção da trama de seu romance. A autora projeta das margens um olhar sobre o fato, questionando, assim, tudo que havia sido publicado e dito a respeito de Grace. Para isso, dados e registros documentais encontrados que descrevessem a personagem principal ou contassem minimamente o que havia acontecido com ela após sua condenação são utilizados, bem como também as reações da opinião pública em relação a ela. O uso de jornais, de documentos da penitenciária e da clínica na qual Grace havia sido internada, citados na obra, operam diretamente na leitura que se faz tanto do texto literário quanto da construção da história “real”. De acordo com Hutcheon (1990), o uso de tais textos dentro da obra de ficção cria um espaço para intertextos da história dentro de um outro texto, o ficcional. Nota-se que, na abertura de todos os capítulos de *Vulgo Grace* (2008), Atwood se utiliza de pelo menos duas epígrafes, uma ficcional e uma “factual”, contraponto explicitamente a relação entre história e literatura, apontando, dessa forma, que a única maneira de ter acesso ao passado se dá pelas referências textuais que, em si, abrem caminhos para interpretações e diferentes olhares. Nas palavras de Hutcheon (1990), “por tais traços já estarem textualizados [...] eles podem, e, de fato, são inevitavelmente interpretados”⁷ (HUTCHEON, 1990, p.80, tradução minha). O uso recorrente, por parte de Margaret Atwood, da obra de Susanna Moodie *Life in the Clearings* (1853), além de servir como mais um exemplo de tal apropriação documental como recurso literário, também nos volta para um outro aspecto relevante dessa escolha: Atwood não apenas nos apresenta fatos históricos, mas também se utiliza de uma pluralidade de vozes que vai de encontro ao paradigma proposto pela filosofia feminista. Não apenas a protagonista Grace Marks tem a chance de contar sua história, mas, por extensão, a mulher do seu tempo também ganha voz por meio do texto literário. Por fim, Atwood explora, na construção de seu texto, uma importante característica identificada pela crítica como pós-moderna, ou seja, o caráter metaficcional da obra. Grace Marks, nossa contadora de história (s), não apenas se vê como uma mera relatora de um determinado fato, mas apresenta um olhar reflexivo em relação à pluralidade de sua própria constituição como personagem. Ela diz:

Penso em tudo que foi escrito a meu respeito – que sou um demônio desumano, uma vítima inocente de um canalha, [...] que eu era ignorante demais pra saber como agir [...] que eu gosto de animais, que

⁶ What has surfaced is something different from the unitary, closed, evolutionary narratives of historiography as we have traditionally known it: as we have been seeing in historiography metafiction as well, we now get the histories (in the plural) of the losers as well as the winners, of the regional (and colonial) as well as the centrist [...] and I might add, of women as well as men.

⁷ Because those traces are already textualized [...] they can be and indeed are inevitable interpreted.

eu sou muito bonita [...] E eu me pergunto: como posso ser todas essas coisas distintas ao mesmo tempo? (ATWOOD, 2008, p. 33).

Esta reflexão nos encaminha para as conclusões finais.

3. A PERSONAGEM E A PÁGINA

A recorrente presença de protagonistas escritoras em obras representativas da literatura canadense, presente não somente em Atwood, mas também em Alice Munro e Carol Shields, se projeta no romance aqui estudado de forma ainda mais questionadora no que tange à construção de qualquer história: nossa protagonista, reconstrói esta narrativa de primeira pessoa, de forma consciente dos diversos recortes e leituras que foram feitas a respeito dela durante seu julgamento, e ao longo de todos os anos em que esteve presa. Tal reflexão se mostra explícita no romance, pois um álbum de recortes de sua senhora é a forma pela qual Grace tem acesso a tais informações. O hábito da maior parte das senhoras da época de ter álbuns com todo tipo de frivolidades colecionadas se mostra bastante incomum na casa do diretor da penitenciária: “O álbum de recortes da mulher do governador é bem diferente [...] embora seja igualmente adepta de recordações, o que ela quer lembrar não é de violetas e de piqueniques”. (ATWOOD, 2008, p. 36). Grace relata que sua senhora, a mulher do governador, coleciona recortes de violentos crimes cometidos na história do país, crimes que tanto levaram pessoas ao enforcamento quanto à prisão perpétua na penitenciária em que o marido trabalha. Subsequentemente, Grace afirma que “grande parte do que está lá são mentiras” (ATWOOD, 2008, p. 37), porém, dentro da oscilante política do pós-modernismo de Hutcheon, a protagonista é obrigada a admitir logo em seguida que “algumas verdades” haviam sido ditas (ATWOOD, 2008, p. 37). Em seu artigo *Postmodernism and History: Complicitous Critique and the Political Unconscious*, Carmichael (2002), por sua vez, afirma que

As estratégias instaladoras e subversivas que encontramos na pós-moderna metaficção historiográfica não refletem uma irresponsabilidade quanto à história, nem mesmo representam um imaginário cultural simplesmente revirando sua direção em um sistema de mundo que parece, através do tempo, estar acima de qualquer reprovação. Na verdade, a representação pós-moderna da história é o cenário de um conflito simbólico, parte de uma contestação mais ampla de significados e autoridade, que nos pressionam urgente e inescapavelmente no presente momento.⁸ (CARMICHAEL, 2002, p. 37, 38, tradução nossa).

Finalmente, o caráter de apropriação, colagem e entrecruzar de vozes

8 the installing and subverting strategies that we find in postmodern historiographic metafiction do not reflect an irresponsibility toward history, nor do they represent a cultural imaginary simply spinning its color wheels in a world system that seems for the time being, at least, to be beyond reproach. Rather, the postmodern representation of history is the scene of a symbolic struggle, part of a broader contesting of meanings and authority, which presses on us urgently and inescapably at the present moment.

e discursos que constituem a personagem principal Grace Marks não somente nos faz questionar se ela era ou não vilã ou vítima do caso que a levou à prisão por tantos anos de sua vida. Mais do que isto, a maneira pela qual Atwood se utiliza de recursos contemporâneos em sua produção literária nos aponta para uma tendência de recriação de paradigmas, projetando a metaficção historiográfica como parâmetro para se repensar o sujeito como um todo, fazendo-nos ver que “história e ficção estão ambas cada vez mais profundamente implicadas em uma crise da representação”⁹ (CARMICHAEL, 2002, p. 37, Tradução Nossa), a qual, por sua vez, nutre-se e, por outro lado, torna-se, paradoxalmente, produto de “uma consciência das forças ideológicas que atuam na representação de um determinado evento”.¹⁰ (CARMICHAEL, 2002, p. 37, tradução nossa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATWOOD, Margaret. *Vulgo Grace*. Trad. Geni Hirata. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- BARRETT, Michèle. As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. In: *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, 1999.
- CARMICHAEL, T. Postmodernism and History: Complicitous Critique and the Political Unconscious. In: DUVALL, J. *Productive Postmodernism: Consuming Histories and Cultural Studies*. Albany: State of New York University Press, 2002. Cap. 2, p. 23-39.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista. In: BUARQUE DE HOLANDA, H. (Org.). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. London and New York: Routledge, 1990.
- VEVAINA, Coomi S. Margaret Atwood and History. In: HOWELLS, Coral Ann (Org.). *The Cambridge Companion to Margaret Atwood*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁹ history and fiction are currently both deeply implicated in a contemporary crisis in representation
¹⁰ an awareness of the ideological forces at work in the representation of event.